

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR (NÃO ACEITO)

I. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

1. Educar para a cidadania

Vou começar repetindo o que todos sabem: o objetivo fundamental da escola é educar para a cidadania. Sim, educar o indivíduo para ingressar na ordem social, a Polis, seria a grande contribuição dos gregos para as pedagogias ocidentais e, no dizer de muitos pedagogos, para toda a humanidade.

Jaeger Werner, em sua obra, *Paidéia – Die Formung des Griechischem Menschem* – ao apresentar o lugar dos gregos na história da educação humana, faz uma observação muito significativa, que eu quero sublinhar, exatamente para confirmar essa repetição da tese fundamental em todos os nossos projetos pedagógicos. Diz ele “O objetivo deste livro é apresentar a formação do homem grego, a Paidéia, no seu caráter particular e no seu desenvolvimento histórico. Não se trata de um conjunto de idéias abstratas, mas da própria história da Grécia na realidade concreta de seu destino vital. Contudo, essa história vivida já teria desaparecido há longo tempo se o homem grego não a tivesse criado na sua forma perene”.¹³⁷

Recorri a esta citação não para justificar a repetição do apelo ao ideal grego de educação, mas destacar dois pontos. O primeiro, também, mais freqüentemente invocado, é a incontestável herança grega, não só na educação, mas em todo processo de desenvolvimento da civilização ocidental e em todos os aspectos. Não cabe aqui lembrar essa imensa herança cultural.

Eu quero deter-me, ainda que brevemente, sobre o segundo ponto. Refiro-me ao aspecto da observação de Werner quando afirma que o ideal da formação do homem grego teria desaparecido, caso não tivesse sido criado “na sua forma perene”. De fato os gregos introduziram a idéia de universalidade. Assim, definindo o homem grego, eles pensaram na humanidade. O conceito de homem deveria valer para todos os seres humanos indistintamente. E se todos os homens são humanos, obviamente todos devem passar pelo mesmo processo educativo.¹³⁸

Em relação à idéia de universalidade, ainda, é importante lembrar que ela perpassou toda cultura grega e foi determinante para o modelo de ciências que se pratica ainda hoje. A globalização é resultante, sem dúvida, deste processo universalizante.

Esta idéia de perenidade ou universalidade, devo lembrar a todos, será determinante na seqüência desta minha reflexão.

Quando se fala em educar para a cidadania, geralmente, se entende que a cidadania é algo que se adquire, que é transmitido através da educação formal, ou seja, através da escola. Na verdade, nascemos com o direito à plena cidadania. A Escola, apenas, teria a tarefa de garantir o exercício efetivo deste direito à plenitude da cidadania.

O ideal do cidadão grego fundava-se na criação do Homem vivo, que devia ser “constituído de modo correto e sem falha, nas mãos, nos pés e no espírito”.¹³⁹ Esta tarefa da educação era comparada não só à arte, mas era reconhecida como a mais alta obra da criação artística, o que

¹³⁷ Jaeger, Werner. Trad. Portuguesa, *Paideia – A Formação do Homem Grego*. P. 6.

¹³⁸ Jaeger, W. Op. Cit. P.6.

¹³⁹ Jaeger, W. Op. Citl p. 12

resumia o sentido de todo o esforço humano.

A Paidéia grega não se fechava no indivíduo. A finalidade de sua tarefa ia muito mais além. Esta somente tinha sentido se fosse vinculada à Polis, porque o ser humano é um animal político - *zoon politikon* – isto é, um ser vivo social, embora reconhecendo a primordialidade do indivíduo.

Aqui, julgo importante fazer uma observação. Para o grego, cada indivíduo trazia inscrito em si mesmo, como determinação da natureza, a sua missão social. Cada um tinha o destino de uma função política. Esta nova concepção do lugar do indivíduo na sociedade conferiu aos gregos uma importância universal como educadores. Para ser breve, os gregos transferiram à ordem social a sua compreensão de Natureza (*Physis*). Observando a ordem da natureza e a manutenção de seu equilíbrio, concluíram que só seria possível se cada coisa estivesse em seu lugar e que deveria haver um lugar para cada coisa. Assim a ordem social somente garantiria o seu equilíbrio se cada cidadão ocupasse seu lugar, e que a sociedade tivesse um lugar para cada cidadão. Daí que à educação cabia a tarefa de preparar cada indivíduo para descobrir o seu lugar e ser capaz de ocupá-lo enquanto cidadão.

Um ponto que, no meu entender, é de suma importância, ainda que pouco enfocado, na arte de educar dos gregos é o princípio, formulado explicitamente por Sócrates, de “conhece-te a ti mesmo”. O ponto de partida da formação do indivíduo estava no conhecimento de si mesmo. A partir desse conhecimento era possível avançar na formação do cidadão.

Hoje, observando o nosso fazer pedagógico no processo escolar, pode-se concluir que “o conhece-te a ti mesmo” não encontra mais espaço. As nossas pedagogias, na sua totalidade, privilegiam o ato de conhecer enquanto é uma apreensão inteligível de realidades externas, mesmo quando se busca o conhecimento de si, ele acontece como objeto colocado do lado de fora do sujeito cognoscente.

Diante desta situação, caso se queira reformular a educação em geral e, em especial, a educação física escolar, torna-se fundamental recuperar e reinterpretar o princípio grego do “conhece-te a ti mesmo”. Neste sentido o primeiro passo precisa ser dado em direção à compreensão da constituição da identidade do indivíduo.

2. A educação para a cidadania começa pela individualidade corporal.

O ser humano foi identificado como sendo um ser composto de dois elementos, um material (soma), outro imaterial (psique), segundo Platão; ou de dois co-princípios, no dizer de Aristóteles, embora de natureza diferente, mas provenientes da mesma origem, a *Physis*. Em ambos os casos, o que definia a humanidade do homem era sua dimensão espiritual ou psíquica. A dimensão material ou corpórea era, de alguma maneira, o não-humano.

O ato de conhecer foi definido como uma atividade espiritual, portanto, da psique ou mente, não do corpo. Esta maneira de pensar grega foi consagrada ainda mais pela ¹⁴⁰filosofia cartesiana. O Cogito cartesiano eliminava radicalmente o corpo no ato de conhecer. As teorias pedagógicas, adotadas em nossas escolas, são essencialmente cognitivistas. Ficam evidentes, nos próprios programas de ensino, o privilegiamento dos conteúdos cognitivos e a convicção de que conhecer é um ato puramente intelectual.

Esta postura dualista da epistemologia científica ocidental é sempre referida quando se trata de estudar o ato de conhecer, entretanto, após o desenvolvimento das neurociências, começaram surgir fortes questionamentos, isto porque a identidade do ser humano como um composto dualista passou a ser questionado. O ser humano está sendo apresentado como uma unidade indivisível.

¹⁴⁰ Jaeger, W. Op. Cit. P. 6.

Qualquer manifestação sua resulta de sua totalidade. Neste sentido não há uma ação psíquica e outra somática. Tudo o que é somático é psíquico, e tudo o que físico é somático. Portanto o ato de conhecer é tanto corporal quanto espiritual. Mas não é este ato cognitivo que se torna a grande revolução copernicana, e sim a identidade do ser humano. O ser humano é um ser corpóreo. Evidentemente, o conceito de corpo não pode continuar tendo o sentido de matéria. O corpo é material e espiritual, é psíquico e é somático.

Diante desta nova maneira de pensar o homem, fica claro que o “conhece-te a ti mesmo” se dá a partir de assumir a condição de uma existencial corporal. E conhecer-se a si mesmo deixa de ser uma abstração ou uma representação mental, mas uma vivência de si mesmo. Uma experiência do que se é como ser vivo e vivente. Não se é um objeto observável, mas sentido e vivido.

Essa vivência de si mesmo se dá, não como representação mental, mas como presença no ato de amar-se de si mesmo. Falar em amor, aqui, pode soar, para os cientistas e filósofos racionalistas, como a quinta essência do ridículo. Talvez, eu também pensaria assim se ficasse nos limites da minha formação acadêmica filosófica e racionalista, entretanto, a leitura das obras dos biólogos Humberto Maturana, Francisco Varela e Antônio Damásio deu-me a coragem de mudar de posição.

Assim, o conhecimento do corpo deve acontecer não como um ato inteligível, mas como um gesto de amor. Amar-se a si mesmo torna-se, neste cenário, a concretização do conhece-te a ti mesmo. O ponto de partida para chegar à plena cidadania.

O conhecimento de si mesmo traça os caminhos do agir. O conhecimento científico do corpo reduz o corpo a objeto de uso. O amor do corpo nos leva à aceitação e ao auto-respeito. Estas duas formas de conhecer inspiram duas formas de socialidade. Na primeira, como aprendemos a usar o corpo próprio, acabamos por usar os outros nas relações inter-pessoais. Na segunda, como aprendemos a aceitação e o respeito de si mesmo somos levados, nas palavras de Maturana “a aceitar e respeitar o outro como legítimo outro na convivência. A essência do fenômeno social.”¹⁴¹

Diante do exposto ousa afirmar que a educação para a plenitude da cidadania começa e se nutre na corporeidade. Uma corporeidade que se oferece no conhecer a si mesmo pelo amor.

Neste momento surge o desafio de refletir sobre o tipo de educação para a cidadania que a educação física escolar desenvolve.

3. Herança da educação física escolar e cidadania

A educação física está inserida no contexto da escola comandada por pedagogias cognitivistas. Fica num segundo plano na educação do cidadão. O seu objeto, o corpo, é a parte menos nobre do ser humano. Na idade moderna, os filósofos racionalistas e empiristas se reservaram o cultivo das faculdades intelectuais, deixando o corpo para o estudo dos cientistas. Nesta parceria paralela com a educação intelectual, a educação física, tendo que tratar do corpo, para formar seus profissionais buscou conhecimentos nas ciências que sempre o estudaram.

Para mostrar esse paralelismo pedagógico nada melhor do que ouvir as palavras de Georges Vigarello. “As pedagogias são portadores de preceitos que dão ao corpo uma forma e o quadriculam para submetê-lo a normas ainda mais rigorosamente que o pensamento. Imagens sugeridas, gestos esboçados induzindo no silêncio posições e comportamentos, frases anódinas onde as palavras, sem aparecer, desenham uma manutenção que mascara uma elaboração meio consciente ao mesmo tempo que laboriosa; frases mais pesadas de ordens dadas fixando com uma precisão analítica ou solene as aparências e as posturas. O corpo é o primeiro lugar onde a mão humana do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos dados à sua conduta,

¹⁴¹ Maturana, Humberto. Emoções e Linguagem na Educação e na Polética. P. 24,31, 69, 73.

ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos da mesma forma que os brasões.¹⁴²

Fica claro que tanto as pedagogias cognitivas quanto as pedagogias físicas concentram-se sobre métodos disciplinadores, baseadas em modelos estabelecidos de pensamento e de movimento. I importante é aprender modelos de pensar, mais que pensar; aprender gestos calculados do que movimentar-se. Isto porque, de um lado, precisamos ser submissos às lógicas de pensar da ordem vigente, seja social, seja científica; de outro lado precisamos aprender os movimentos conforme os exercícios exigidos para participar de um determinado esporte, para a marcha unida ou para construir corpos sarados.

O corpo, herdado das ciências empíricas, está representado pela metáfora da máquina. O corpo máquina foi separado da natureza para se tornar um artefato. A máquina funciona, o corpo vive. Funcionar significa desenvolver as tarefas já programadas, e nada mais. Significa ser comandada de fora. Viver significa assumir o compromisso de auto-criação a partir de dentro para fora. A característica mais original do viver está no fato de que há o auto-gerenciamento de suas operações.

O assunto é fundamental, porque essa distinção geraria pedagogias conflitantes, entretanto me levaria a uma digressão muito longa, por isso, pretendo voltar a ele mais adiante ou em outro texto.

A exaltação do corpo, na metáfora da máquina, é apresentada como o aproveitamento de suas possibilidades até o limite. Uma das exaltações mais em evidência acontece na esfera das forças físicas. Esse grau de aproveitamento não está ancorado neste ou naquele corpo, mas no modelo de desenvolvimento ou de aproveitamento, conforme tal ou tal atividade produtiva, seja esportiva, militar ou de trabalho. O corpo fica exaltado não pelo que ele é, mas pelo que produz. O que vale é o resultado obtido.

Outra herança da educação física, cujas raízes remontam à pré-história das ciências e das filosofias, é encontrada no universo das construções simbólicas de corpo. Neste contexto a educação física colabora na construção de padrões corporais desenhados pelos ideais de corporeidade da cultura vigente.

As construções simbólicas, na atualidade, parecem sustentar-se sobre dois pilares a exaltação e a liberação do corpo. A exaltação do corpo concentra-se no aproveitamento de suas potencialidades. A liberação do corpo começa pela desmontagem dos tabus opressores, passa pela legitimação dos desejos e chega ao uso-fruto do corpo libidinal.

Outro cenário de exaltação do corpo apresenta, como pano de fundo, valores e padrões estéticos, consagrados pela cultura vigente. Aqui, o corpo é visto como um fator de limitações e não de possibilidades. Ele precisa ser remodelado.

Em todas as épocas e em todas as culturas foram criados padrões de beleza corporal, com maior insistência para o mundo feminino. Hoje, entretanto, o corpo masculino anda a passos acelerados pelos caminhos das formas estéticas. Há uma beleza feminina e uma beleza masculina, ambas padronizadas pela sociedade e consagradas pelos meios de comunicação em função de uma cultura de consumo. Uma função de consumo em dois sentidos. A do que busca reproduzir esta imagem, e a daqueles que consomem graças à imagem promotora e vendedora de produtos. A televisão, em especial, contribuiu para que o corpo se tornasse imagem. Não imagem de si mesmo, mas imagem modelada de fora.

Neste sentido quero voltar à citação de Georges Vigarello, já trazida neste texto, quando afirma que “o corpo é o primeiro lugar onde a mão humana do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos dados à sua conduta”.¹⁴³ Georges

¹⁴² Vigarello, Georges. *Le Corps Redressé, Histoire d'un pouvoir pédagogique*. P. 10.

¹⁴³ Vigarello, G. Op. Cit p.

Vigarello, ao constatar este fato, certamente, ainda não conhecia ou não levou em consideração a invasão da imagem através da popularização da imprensa televisiva. Em sua constatação, ele denuncia, à exemplo de Foucault, a opressão das disciplinas, castigos e suplícios como formas para transformar o corpo bem-comportado, dócil e útil. Suas grandes virtudes o puritanismo e a submissão.¹⁴⁴

As denúncias das opressões, introduzidas silenciosamente e, na maioria das vezes, recebidas de portas abertas, surgiram nas obras de vários autores, identificados como pós-modernos. Não vou discutir o termo pós-moderno. Entre esses autores, cito Jean Baudrillard, Michel Mafesolli, Dominique Memmi, David Le Breton e Michel Bernard.

Longas e apaixonantes são as análises que esses pensadores desenvolvem com muita argúcia e profundidade. Pelas exigências limitantes desta minha reflexão vou ater-me a Jean Baudrillard. Em sua obra, *A Sociedade de Consumo*, no capítulo, *A cultura dos “Mass Média”*, ele anuncia “o mais belo objeto de consumo: o corpo”. Nele mostra com muita perspicácia o valor supremo do corpo: a beleza. Constata, entretanto, que cabe “à mulher e ao corpo da mulher o papel de veículo privilegiado da beleza, da sexualidade e do Narcisismo dirigido”.¹⁴⁵ (p. 145)

Com a proclamação dos valores estéticos como o ápice da exaltação do corpo, enquanto imagem de consumo, aparece uma série de outras exigências. A maior delas é a liberação total do corpo. A beleza plena do corpo somente poderá ser apreciada ou consumida num corpo livre de tudo, inclusive, do vestuário. Coube a Baudrillard, no meu entender, expressar pela primeira vez esse novo cenário. “Na panóplia do consumo, o mais belo, precioso e resplandecente de todos os objetos – ainda mais carregado de conotações que o automóvel que, no entanto, os resume a todos é o CORPO. A sua ‘redescoberta’, após

uma era milenária de puritanismo, sob o signo da libertação física e sexual, a sua onipresença na publicidade, na moda e na cultura das massas – o culto higiênico, dietético e terapêutico com que se rodeia, a obsessão pela juventude, elegância, virilidade/feminilidade, cuidados, regimes, práticas sacrificiais que com ele se conectam, o Mito do Prazer que o circunda – tudo hoje testemunha que o corpo se tornou *objeto de salvação*”.¹⁴⁶ O corpo substitui a alma no projeto de salvação humana.

Seguindo o raciocínio de Baudrillard, de ninguém é desconhecido que, até bem pouco tempo, o centro de atenção sobre o homem era a alma, a razão, a inteligência. Durante muito tempo tentou-se convencer as pessoas de que não tinham corpo, para quem duvidasse era-lhe dito que ele era secundário, uma condição terrestre e temporal. Não tinha um sentido em si mesmo. No entanto, nestas últimas décadas, estamos assistindo algo bastante estranho “teima-se sistematicamente em convencer a todos do próprio corpo”. Esta insistência chegou a tal ponto que Baudrillard faz suas as palavras de uma cantiga: “temos só um corpo e é preciso salvá-lo”.¹⁴⁷

Um pequeno parêntese, não se pode confundir a crítica de Baudrillard pela obsessão do corpo, pela idéia de corpo em Merleau-Ponty. Em Baudrillard o corpo denunciado é aquele que se oferece como espetáculo mediático. Em Merleau-Ponty, o corpo é a condição da existência humana.

Voltando à conclamação da cantiga de que “temos só um corpo e é preciso salvá-lo”, nos leva a encontrar quais são os mecanismos de salvação. Não consegui fazer uma observação mais ampla para dizer que são tais e são tantos. Apesar de minha observação ser um tanto superficial, acredito poder reduzi-los a três mandamentos.

¹⁴⁴ Foucault, M. *Vigiar e Punir e Microfísica do Poder*.

¹⁴⁵ Baudrillard, Jean. *A Sociedade de Consumo*. P. 145.

¹⁴⁶ Baudrillard, M. Op. Cit p. 136.

¹⁴⁷ Baudrillard, M. Op. Cit p. 137.

Primeiro, é proibido envelhecer. Parece que envelhecer é falta de educação. Já não se fala em velho. Em lugar da velhice surgiu uma nova nomenclatura encabeçada pela de Terceira Idade. Em nome dos terceiro-idosos criou-se um vasto leque de atividades que vai desde a sua recuperação para o mercado de trabalho e de consumo, até os concursos de rainha de beleza.

Nesta esteira, os laboratórios farmacêuticos e de cosméticos elaboram uma incomensurável lista de produtos milagrosos, capazes de devolver os frescores e as energias da juventude. Quando isso não acontece, pode-se recorrer às plásticas, elas, se não conseguirem restaurar o antigo vigor, pelo menos, conseguem, por um certo tempo, camuflar as marcas implacáveis do tempo.

Segundo, é proibido ser gordo. A gordura parece alcançar foros de criminalidade. O gordo se sente culpado e se auto-incrimina. Reluta em aparecer em público em trajes descontraídos, ou, até, evita ir à praia de maiô ou biquíni. As expressões, comentários e piadas adquirem ares cada vez mais intimidatórios e condenatórios.

Diante desta opressão maciça, interna e externa, contra, especialmente, as gordas, mas os gordos também não estão livres, surgem comportamentos desviantes. Gasta-se mais com pílulas de emagrecimento do que com livros, dedica-se mais tempo a exercícios do que a leitura e ao estudo. Assim, as academias mais conhecidas e mais freqüentadas são as de ginástica. O passo mais radical, e cada vez mais freqüente, é o da anorexia.

Terceiro, é proibido ser feio. Ser feio é um relaxamento. É feio quem quiser ser. A medicina estética é capaz de reduzir a feiúra num fato obsoleto ou, no máximo, uma questão de opção pessoal. Há um caso inevitável, a falta de condições econômicas poderá condenar as pessoas à resignação e a viverem, revoltadas, a crueldade do destino.

Diante destas ciladas do corpo, - envelhecimento, obesidade e feiura – há uma vasta literatura, as revistas feministas estão na vanguarda, que apresenta um mundo de ilusões. Baudrillard, reportando-se ao artigo da revista Ela (Elle), “As Secretas Chaves do seu Corpo – que abrem os caminhos de uma vida sem complexos”, sublinha que nele, desde a introdução, apresenta, com muita seriedade, “a psicogênese romanceada da apropriação do corpo e da sua imagem”. E o papel de heroína deste romance pode ser de quem o desejar. Para quem assume o enredo proposto com fidelidade pode, ao final, ouvir o que dizem da modelo da revista: “Sente-se bem consigo mesma. Nela tudo é belo: as costas, o pescoço, os quadris. O segredo dela é vestir realmente o seu corpo. Parece um animalzinho que enche perfeitamente o vestido”.¹⁴⁸ Neste cenário de exaltação e de culto do corpo, a sociedade de consumo, de poder e de exploração esconde o fato de que a manutenção das aparências estéticas compensa a atrofia do cérebro. Para o sistema de poder, econômico ou político, o que mais interessa é que as pessoas cultivem mais imagens, do que idéias; mudem hábitos, modifiquem cabelos, imprimam tatuagens, pendurem brincos e piercings, mas não queiram mudar o mundo nem a si mesmos. Para a ordem vigente é importante que as pessoas vistam roupas de grife e usem cosméticos do que reflitam sobre as injustiças e desigualdades sociais. Para o sistema é mais interessante que, tanto a juventude bem vivida quanto a faminta, vista a camisa de Che, de Lenon, de Luther King ou, até, de Madre Teresa do que discutir os ideais pelos quais iluminaram suas vidas.

Para concluir essa parte de minha reflexão, quero formular a seguinte pergunta: seria possível, na educação física escolar, cultivar sonhos de um mundo diferente no qual a corporeidade de cada um seja o centro de sua existência humana vivendo em harmonia consigo mesmo, com o outro e com a natureza?

4. Educação física Escolar e cidadania: novos horizontes.

¹⁴⁸ Baudrillard, M. Op. Cit. P. 137.

Vou tentar responder afirmativamente a pergunta acima formulada. Não pretendo traçar novos modelos, muito menos, elaborar receitas. Pretendo construir a minha resposta a partir de outras idéias, outros valores e outros ideais sobre os quais a educação física pode desenhar suas práticas no processo educacional escolar e, talvez, para além deste círculo.

A minha argumentação começa por um caminho inusitado, pelo menos para mim, e, talvez, não muito convincente para os cientistas. Apesar disto, acho fundamental porque não acredito que a chave das mudanças não está no conhecimento, muito menos o científico, mas na capacidade decisória das pessoas. Não nego o valor do conhecimento, mas ele só terá eficácia quando uma vontade decidir agir em seu nome.

Da história do corpo, apresentada por Roy Porter, retomo a passagem na qual ele diz que o Cristianismo, uma das correntes do pensamento ocidental, colaborou decisivamente para sustentar durante mais de um milênio a exclusão e a negação do corpo.¹⁴⁹

Feita essa lembrança, recorro aos fragmentos de comentários de Frei Beto, sobre a recente e primeira encíclica de Bento XVI, Deus é amor. Frei Beto, como outros teólogos, revela-se surpreso, e gratamente surpreso, pelo assunto do amor, e pela maneira de apresentá-lo. O primeiro ponto positivo, segundo Frei Beto, é a atitude de Bento XVI fazendo “mea culpa”, referente à atitude do cristianismo, com essas palavras simples e diretas: “Hoje não é raro ouvir censurar o cristianismo do passado por ter sido adversário da corporeidade; a realidade é que sempre houve tendências nesse sentido” E sublinha “nem o espírito ama sozinho, nem o corpo: é o homem, a pessoa, que ama como criatura unitária, de que fazem parte o corpo e a alma. Somente quando se fundem verdadeiramente numa unidade, é que o homem se torna plenamente ele próprio.”¹⁵⁰

Faço uma observação, talvez, herética. No meu entender o ser humano aparece nas citações acima, ainda, apesar do avanço, como a unidade de duas entidades, corpo e alma. Baseado em Maurice Merleau-Ponty acredito que a unidade do homem é anterior, e se manifesta física e espiritualmente em fenômenos unitários. Nada é corporal que não seja ao mesmo espiritual, nada é espiritual que não seja corporal, escreveu Merleau-Ponty. Para ele, o corpo tem um lado material ou físico e um lado espiritual.¹⁵¹

A superação dos dualismos, especialmente o platônico e o cartesiano, não significa negar qualquer dimensão humana.

Uma vez restaurada a credibilidade da dignidade da corporeidade humana, resta saber como essa dignidade pode ser tornar efetiva e afetiva. Para começar assegurar a dignidade da corporeidade humana, certamente, as ciências e a sociedade de consumo precisam fazer seu “mea culpa”, no sentido de reconhecer que o corpo-objeto e o corpo-útil são a negação do corpo vivo.

Feitas essas duas “me culpa”, pelo Cristianismo e pela Modernidade, podemos voltar a refletir sobre o ensinamento de Sócrates, através de Guerdjef, pensador russo, que ao reafirmar a importância do auto-conhecimento socrático, acrescentava a não menos importante necessidade de saber viver. Dizia ele: “Uma boa vida tem como base o sentido do que queremos para nós em cada momento daquilo que realmente vale como principal.”¹⁵² Neste sentido pode-se completar o auto-conhecimento a uma idéia, atualmente, muito repetida, qualidade de vida. Ninguém duvida de que todos têm direito à vida, mas não basta, é preciso ter uma vida digna, o que quer dizer: qualidade de vida.

¹⁴⁹ Porter, Roy. História do Corpo. In . Burke, Peter (org.)A Escrita da História – Novas Perspectivas. P. 292.

¹⁵⁰ Jornal, Correio Riograndense. Caxias do Sul. P. 10 de 01.03.2006.

¹⁵¹ Merleau-Ponty, Maurice, Le visible et l’invisible. P. 313 ss.

¹⁵² Não consegui localizar a referência bibliográfica.

Muito se fala em auto-conhecimento, mas até agora não se sabe como ele se dá. Edgar Morin, frequentemente, se espanta diante do desconhecimento sobre o ato de conhecer. “É impressionante, escreveu ele, que a educação que visa transmitir conhecimentos seja cega quanto ao que é o conhecimento humano, seus dispositivos, enfermidades, dificuldades, tendências ao erro e à ilusão, e não se preocupe em fazer conhecer o que é conhecer”.¹⁵³ Edgar Morin fala do conhecimento objetivo, elaborado pelas ciências, mas quer saber que ato é o conhecer. Quando se trata do auto-conhecimento, certamente, a questão é muito mais complexa.

As ciências nos oferecem conhecimentos de nós mesmos através de mediações, as representações conceituais, fórmulas matemáticas ou estruturas lógico-rationais. O conhecer científico precisa nos transformar em objeto, totalmente distinto do sujeito conhecedor. No auto-conhecimento o sujeito e o objeto, caso assim se possa falar, se dão numa plena reversibilidade. Conhecer e ser conhecido acontecem simultaneamente. Portanto a ação de auto-conhecer é uma ação vivida, sentida, que não necessita de mediações. Ele se dá, observa Michel Maffesoli, no sentido etimológico do termo conhecer. Connaître, isto é, naître (nascer) com. Nascer consigo mesmo. É uma tarefa exclusivamente pessoal pela observação de si mesmo a ser realizada a todo instante¹⁵⁴.

Outro acréscimo, no meu entender, indispensável à paidéia grega, refere-se à educação para a cidadania. E quem construiu esse acréscimo foi Paulo Freire pelo idéia de conscientização. Os gregos propunham formar um cidadão para uma ordem social existente. Na sociedade havia um lugar e uma tarefa para ele, a educação tinha como finalidade preparar o indivíduo assumir seu lugar e sua tarefa. Paulo Freire propõe, pela sua pedagogia do oprimido, que a educação libertadora deve preparar um cidadão para participar ativamente da sociedade, enquanto sujeito transformador. Não se trata de manter o status quo, mas de transformá-lo.¹⁵⁵

Os estudiosos de Paulo Freire são unânimes em afirmar que a sua proposta pedagógica propõe um cidadão consciente. Neste sentido, trago, aqui, as palavras de Frei Beto, poderia trazer muitas outras, mas julguei estas mais simples e concisas: “Paulo Freire influenciou na organização dos movimentos populares, resgatou a auto-estima dos pobres, ensinou-os a confiar em seus talentos, a discernir que inteligência e cultura não se adquirem necessariamente na escola e que conhecimento não se aprende, se constrói”.¹⁵⁶

Voltando à educação física escolar, acredito que ela encontrará novos horizontes se começar por um processo de auto-alfabetização corporal. Esta auto-alfabetização corporal somente poderá ocorrer se há uma aceitação e um respeito do corpo como identidade pessoal. A psicologia da infância descreve com muita clareza o processo de auto-reconhecimento de si mesmo pela apropriação do corpo na vivência. A criança precisa sentir o corpo, o que acontece, de preferência, na oralidade. Aos pouco ela vai descobrindo que ela é o corpo e que é distinto de outros corpos.

O auto-conhecimento da auto-alfabetização corporal somente poderá acontecer como um ato de amor ao corpo, que se concretiza na aceitação de si mesmo. Uma tarefa que, no começo, parece não oferecer dificuldades, com o passar do tempo vai se tornando extremamente difícil. No momento atual, se apresenta quase impossível. O que se propõe aponta na direção contrária. Tudo converge para a modificação e para o uso do corpo.

Não vou entrar em detalhes sobre esse processo de enfraquecimento da auto-aceitação, mas não posso deixar de lembrar que a infância, todos reconhecem, é uma época fundamental para definir

¹⁵³ Morin, Edgar. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. P. 19-33.

¹⁵⁴ Maffesoli, Michel. Ver. GEEMPA nº 3.

¹⁵⁵ Toda obra de Paulo Freire gira em torno de uma educação libertadora. Cito como referência maior A Pedagogia do Oprimido.

¹⁵⁶ Frei Beto. A Mosca Azul. P. 77.

o modo de seu viver. Na infância toda criança vive o momento em que se estabelecem as condições e as possibilidades de converter-se num ser capaz de aceitar-se e respeitar-se, e, a partir desta aceitação e respeito de si mesma, ela vive o amor de si mesma. E quando ama a si mesma, ela se dá conta de que sua corporeidade a constitui, e que o corpo em lugar de limitá-la, ao contrário, é assumido como a fonte de todas as suas possibilidades.

A educação física pode ter duas atitudes diante dessas possibilidades: uma, desenvolvendo-as para garantir qualidade de vida; outra, transformando-as em ferramentas de uso ou mercadorias de venda e troca.

Para concluir, relembro o preceito maior do pensador russo, Guerdjef:: “Você é o que se fizer ser”. Sartre, mais tarde, retoma a idéia afirmando que “o homem será antes de mais nada o que tiver projetado ser. Portanto, ele não é mais do que o que ele faz”.¹⁵⁷

Esse ser projetado ou feito pode acontecer como desenvolvimento de si mesmo ou como tentativa de incorporar o outro. No primeiro caso eu me assumo, sou eu; no segundo caso eu me alieno, sou outro.

Silvino Santin

Santa Maria, 15 de março de 2006.

¹⁵⁷ Sartre, Jean-Paul. L’Existencialisme et un Humanisme. Trad. Portuguesa. O Existencialismo é um Humanismo p. 242 e 243.